

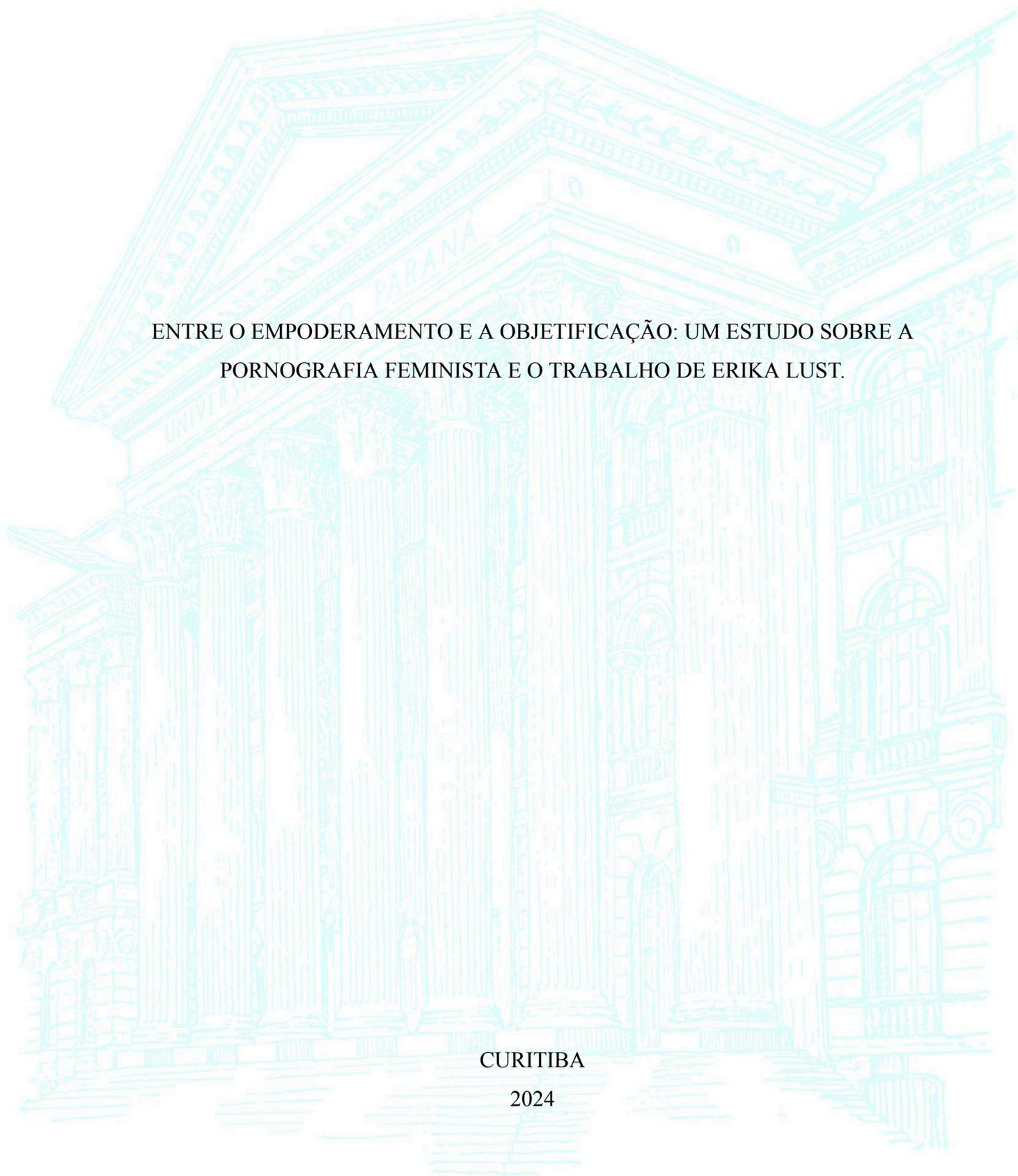
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE MARTINS PETIK

ENTRE O EMPODERAMENTO E A OBJETIFICAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
PORNOGRAFIA FEMINISTA E O TRABALHO DE ERIKA LUST.

CURITIBA

2024



CAROLINE MARTINS PETIK

ENTRE O EMPODERAMENTO E A OBJETIFICAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
PORNOGRAFIA FEMINISTA E O TRABALHO DE ERIKA LUST.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Publicidade e Propaganda, Setor de Comunicação, Artes e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Candida Rizzotto.

CURITIBA

2024

AGRADECIMENTOS

Este espaço é dedicado às pessoas e momentos que, de diferentes formas, marcaram minha trajetória e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À minha família, meu alicerce e base para tudo. Ao meu pai e à minha mãe, **Alvaro Vitorio Petik** e **Gizilaine Martins da Costa**, que sempre acreditaram em mim e me ensinaram que, com dedicação e coragem, podemos transformar sonhos em realidade. Obrigada por me inspirarem diariamente, me apoiarem em todos os meus desejos e por me mostrarem que o amor é a base de tudo. Ao meu irmão, **Leonardo Martins Petik**, meu oposto favorito. Obrigada por me apoiar, por me inspirar, me ensinar e me testar. A nossa amizade é dos meus maiores amores.

Aos meus amigos, que estiveram comigo nos momentos de loucura, conquista, crescimento e desespero. Obrigada por me mostrarem que a família que escolhemos é tão especial quanto aquela em que nascemos. Em especial ao **Thiago Henrique Dias Costa**, por me acompanhar e me inspirar nos caminhos acadêmicos, profissionais e pessoais.

À professora **Carla Rizzotto**, minha orientadora, que confiou na minha ideia e me guiou com paciência, cuidado e dedicação. Sua aposta no meu projeto foi essencial para que chegassemos aqui. Agradeço também a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal e à instituição, por proporcionar essa experiência e transformar vidas por meio do conhecimento.

Um agradecimento especial às mulheres que participaram desta pesquisa, um imenso obrigada por confiarem em mim e por se abrirem para este trabalho. Vocês são parte de algo muito especial, uma busca por caminhos que façam sentido para todas nós. Sem vocês, este projeto não existiria.

E, por fim, a mim mesma. Obrigada por ter tido a coragem de me dedicar novamente à academia, por ter me permitido explorar temas desafiadores, por ter abraçado essa experiência com entrega e por ter vivido esses anos com intensidade e curiosidade. Obrigada por continuar, por aprender, por confiar em você mesma, e por acreditar que, mesmo nos dias mais difíceis, valeria a pena.

A todos, minha gratidão mais sincera. Este trabalho carrega um pedaço de cada um de vocês.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA
 Rua XV de Novembro, 1299, - - Bairro Centro, Curitiba/PR, CEP 80060-000
 Telefone: 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Modalidade: () Artigo () Projeto Experimental

DISCENTE: CAROLINE MARTINS PETIK

TÍTULO: ENTRE O EMPODERAMENTO E A OBJETIFICAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PORNOGRAFIA FEMINISTA E O TRABALHO DE ERIKA LUST

DATA E HORÁRIO DA DEFESA: 04 DE DEZEMBRO DE 2024 ÀS 10:30H

BANCA EXAMINADORA:

PROFESSORES	ASSINATURA	NOTA
CARLA CANDIDA RIZZOTTO	<i>Carla Candida Rizzotto</i>	100
VALQUIRIA MICHELA JOHN	<i>Valquiria Michela John</i>	100
ANA LUÍSA PEREIRA	<i>Ana Luísa Pereira</i>	100
	MÉDIA	100

Curitiba, 04 de dezembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por ARYOVALDO DE CASTRO AZEVEDO JUNIOR, COORDENADOR(A) DE CURSO DE GRADUAÇÃO (CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA) - SACOD, em 29/11/2024, às 16:41, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida aqui informando o código verificador 7320088 e o código CRC D38B9085.

RESUMO

Este artigo explora a pornografia feminista como uma alternativa crítica à pornografia *mainstream*, analisando se essa vertente contribui para a liberdade sexual e o empoderamento feminino ou se reforça a objetificação e a violência contra o corpo feminino sob outra perspectiva. A pesquisa contextualiza historicamente a evolução da pornografia e suas implicações culturais, destacando a pornografia feminista como um movimento que busca subverter os estereótipos de gênero presentes na indústria tradicional. A cineasta Erika Lust e seu projeto "XConfessions" oferecem produções que valorizam o prazer e a presença feminina através de uma abordagem colaborativa e ética e são os objetos de estudo centrais dessa pesquisa. Utilizando uma metodologia qualitativa, o estudo emprega grupos focais compostos por mulheres entre 18 e 30 anos que assistem aos filmes de Lust e respondem a questionários online. A análise de conteúdo e dessas respostas procura entender as percepções das participantes sobre empoderamento sexual, objetificação e diversidade nas representações. A análise revelou avanços na consensualidade e diversidade narrativa, embora persistam padrões estéticos hegemônicos e barreiras econômicas que limitam o alcance do modelo feminista. O estudo conclui que a pornografia feminista, apesar de suas limitações, opera como um espaço de experimentação simbólica, desafiando normas culturais e estruturais que moldam a representação da sexualidade.

Palavras-chave: *Pornografia feminista; Estereótipos de gênero; Erika Lust; Representações culturais.*

ABSTRACT

This work explores feminist pornography as a critical alternative to mainstream pornography, investigating whether this approach promotes sexual freedom and female empowerment or perpetuates the objectification and violence against women's bodies from a new perspective. The research historically contextualizes the evolution of pornography and its cultural implications, highlighting feminist pornography as a movement aimed at subverting gender stereotypes present in the traditional industry. Filmmaker Erika Lust and her project "XConfessions" offer productions that value female pleasure and presence through a collaborative and ethical approach and serve as the central objects of this research. Using a qualitative methodology, the study employs focus groups composed of women aged 18 to 30 who watch Lust's films and respond to online questionnaires. The content analysis of these responses seeks to understand participants' perceptions of sexual empowerment, objectification, and diversity in representations. The analysis identified progress in consensuality and narrative diversity, though hegemonic aesthetic standards and economic barriers persist, limiting the feminist model's reach. The study concludes that feminist pornography, despite its limitations, functions as a symbolic space of experimentation, challenging cultural and structural norms that shape sexual representation.

Keywords: *Feminist pornography; Gender stereotypes; Erika Lust; Cultural representations.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PERSPECTIVAS CRÍTICAS: A PORNOGRAFIA FEMINISTA EM FOCO	7
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA	11
4 ANÁLISE EMPÍRICA	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A pornografia tem sido um tema complexo e controverso ao longo da história¹, evocando debates intensos em várias esferas da sociedade. Desde suas origens em representações artísticas na antiguidade até seu estado atual como um produto de consumo de massa, a pornografia reflete e influencia profundamente as normas culturais e sociais sobre sexualidade e gênero (Duarte, 2014). No mundo contemporâneo, a pornografia se transformou em uma indústria multibilionária, acessível a milhões de pessoas ao redor do globo, moldando percepções e comportamentos sexuais. Esta pesquisa tem como objetivo explorar uma nova vertente da pornografia que surge como uma resposta crítica ao *mainstream*² popular: a pornografia feminista. A proposta é investigar se a pornografia feminista consegue promover a liberdade sexual, o empoderamento das mulheres e a diminuição da violência gerada pela pornografia *mainstream* ou se, ao contrário, perpetua a objetificação e violência contra a mulher, apenas sob uma nova perspectiva.

Para tanto, é fundamental entender a história e o desenvolvimento da pornografia como um todo. Segundo Monteiro e Vianna (2020), a pornografia *mainstream* se consolidou como um reflexo da superprodução capitalista, onde o prazer derivado do consumo é incentivado e não necessariamente ligado à necessidade. A indústria pornográfica, conforme destacado por Ribeiro (2017), movimenta bilhões de dólares anualmente e possui uma presença massiva no cotidiano das pessoas, com sites como Pornhub³ recebendo bilhões de visitas por ano. Assim, essa forma de pornografia, amplamente disseminada, tem desempenhado um papel significativo na construção de desejos, discursos e subjetividades sexuais, muitas vezes reforçando estereótipos de gênero e comportamentos opressores. Este cenário ilustra como a pornografia *mainstream* não apenas atende à demanda, mas também cria novas necessidades de consumo contínuo de material sexual explícito. As mulheres, frequentemente retratadas como objetos sexuais que existem para satisfazer os desejos masculinos, são desumanizadas e expostas a violência simbólica e física.

¹ A pornografia tem origem em representações artísticas eróticas de civilizações antigas, como os murais de Pompeia, o Kama Sutra indiano e a arte japonesa Shunga. Com a invenção da imprensa, textos eróticos como os Sonetos Luxuriosos de Pietro Aretino popularizaram o tema, enquanto a fotografia e o cinema, no século XIX, e a internet, no século XX, revolucionaram sua produção e consumo. Para mais detalhes, ver Ribeiro, M. (2019). História da Pornografia: Cultura, Consumo e Representação. São Paulo: Editora Cultura.

² Termo em inglês que se refere a conteúdos ou abordagens que seguem padrões amplamente aceitos e difundidos, voltados para um público amplo e alinhados às tendências e convenções predominantes, muitas vezes em oposição a propostas de nicho ou alternativas.

³ Pornhub é uma plataforma online de pornografia fundada em 2007, reconhecida como uma das maiores do mundo, com bilhões de visitas anuais. É central na indústria pornográfica digital, oferecendo conteúdos gratuitos e pagos e gerando debates éticos sobre consumo e acessibilidade.

A pornografia como linguagem estruturante da sexualidade fornece significantes tais como o sorriso das mulheres – exigido pelos pornógrafos mesmo quando elas estão sendo humilhadas e difamadas. A identificação com a demonstração final de “prazer” na violação produz efeitos sobre as subjetividades das mulheres, construindo corpos submissos e retroalimentando as relações de poder desiguais entre gêneros (Monteiro e Vianna, 2020, p.32).

Desde a década de 1980, a pornografia ganhou destaque tanto na academia quanto na mídia, configurando-se como um dos grandes debates sociais daquele período, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá. Este período é frequentemente referido na historiografia feminista como as "Guerras do Sexo"⁴ (Duarte, 2014). Essa comoção levou instâncias jurídicas e políticas a reverem posições institucionais sobre o tema através de comissões investigativas e reformas legais. Duarte (2014) observa que, na década de 1980, a pornografia era frequentemente denunciada como um reflexo da deterioração geral do ambiente social, cultural e moral, sendo comparada à degradação da natureza. A autora também destaca a emergência de um novo gênero na década de 1980, conhecido como "pós-pornografia" ou "pornografia feminista", que contestava certos ícones e a ideologia do cinema hegemônico voltado para o público masculino. Segundo Castoriadis (1986), o imaginário social é uma criação incessante de figuras e formas que definem a realidade e a racionalidade de uma sociedade. Nesse sentido, a pornografia feminista propõe uma reimaginação das narrativas sexuais, onde a agência feminina é central e não subordinada aos desejos patriarcais. Este movimento, orientado por teorias *queer* e feministas, propunha uma versão alternativa e feminista do aparato audiovisual de representação do sexo, construindo seu próprio repertório iconográfico e subvertendo com sucesso as imagens e significados da pornografia dominante (Duarte, 2014).

Em contraponto ao movimento da pornografia feminista, os grandes sites de pornografia e *webcamming*⁵ operam como um oligopólio que encobre a violência contra a mulher através de simulacros publicitários nas redes interativas. Esse simulacro cria uma ilusão de empoderamento feminino enquanto aprisiona as mulheres em contratos opressivos que lhes retiram a autonomia e a capacidade de denunciar qualquer tipo de violência sofrida nas plataformas. Magossi (2022) argumenta que, mesmo sob a ótica feminista, alguns críticos

⁴ As "Guerras do Sexo" foram debates nos anos 1980 entre feministas anti-pornografia, como Andrea Dworkin, que viam essa indústria como opressora, e feministas pró-sexualidade, como Gayle Rubin, que a defendiam como uma forma de liberdade e empoderamento (Duarte, 2014).

⁵ Prática de transmitir conteúdo ao vivo via webcam, geralmente em plataformas online, podendo englobar uma variedade de temáticas e finalidades, como entretenimento, interação social ou performances, frequentemente associada a contextos de trabalho sexual e conteúdos adultos.

afirmam que a pornografia pode continuar a reproduzir formas sutis de dominação e objetificação. Conforme Magossi (2022, p. 56), "as manobras são sofisticadas e sutis o suficiente para que o terror (retrocesso histórico, miséria existencial) seja aplaudido como obra de arte (empoderamento feminino, liberdade sobre o próprio corpo)".

Dentro deste contexto, surge Erika Lust, uma cineasta sueca radicada em Barcelona, que iniciou sua carreira na criação de filmes eróticos em 2004 e se destaca como uma das principais figuras do movimento de pornografia feminista. Com formação em Ciências Políticas e Feminismo, Lust iniciou sua carreira na indústria pornográfica com a missão de criar conteúdos que desafiassem as representações tradicionais da sexualidade. Seu trabalho é guiado pela perspectiva de que a pornografia pode ser uma ferramenta de empoderamento, oferecendo representações realistas e diversas do prazer e do desejo. Lust é mais conhecida pela série "XConfessions", que teve seu início em 2013 e é um projeto colaborativo onde histórias anônimas enviadas por espectadores são transformadas em curtas-metragens eróticos. Cada episódio busca explorar a sexualidade de uma maneira que seja ao mesmo tempo artística e autêntica, destacando a agência e o prazer feminino. Esse projeto representa uma abordagem inovadora à pornografia, onde a narrativa e a estética são cuidadosamente trabalhadas para desafiar os estereótipos de gênero e promover uma visão mais inclusiva e positiva da sexualidade.

Este trabalho se propõe a investigar se a pornografia feminista consegue realmente cumprir seu objetivo de empoderar mulheres e promover uma sexualidade mais livre e consciente. A análise será baseada em uma revisão de literatura abrangente, em um estudo de caso da produção de Erika Lust, XConfessions, e em discussões realizadas em um grupo focal composto por mulheres entre 18 e 30 anos. O grupo focal serviu como uma etapa fundamental da pesquisa, permitindo que fossem captadas percepções, reações e reflexões sobre os conteúdos de Lust, além de proporcionar um espaço para discutir as tensões entre empoderamento e objetificação na pornografia feminista. Serão investigadas as narrativas, práticas e discursos presentes nesses conteúdos, buscando entender suas implicações para a subjetividade e a liberdade sexual das mulheres. Ao final, espera-se contribuir para um entendimento mais profundo das potencialidades e limitações da pornografia feminista como um movimento de empoderamento sexual e transformação social.

1 PERSPECTIVAS CRÍTICAS: A PORNOGRAFIA FEMINISTA EM FOCO

A crítica feminista à pornografia *mainstream* se consolidou nas décadas de 1970 e 1980, quando teóricas como Kate Millett, Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin argumentaram que a pornografia perpetua a violência sexual contra as mulheres e reforça a hierarquia patriarcal (Poncela-Casasnovas e García, 2023). Esta perspectiva se mantém relevante, com muitos estudiosos afirmando que a pornografia tradicional continua a normalizar a violência sexual e a objetificação do corpo feminino. Como resposta, surge a pornografia feminista que emergiu como crítica à pornografia tradicional, dominada por uma perspectiva masculina que frequentemente perpetua a objetificação e a violência contra as mulheres. Este novo campo busca reimaginar e subverter as representações tradicionais de sexualidade, promovendo o prazer e a agência feminina. Ainda que muito criticada dentro do cenário alternativo, feminista e pós-pornô, a produção de Erika Lust é um exemplo desta vertente, criando conteúdo que busca refletir as experiências e desejos femininos de forma ética e consensual.

Objeto de estudo desta pesquisa, a série XConfessions é baseada em histórias reais enviadas pelas espectadoras de Lust de forma anônima. Seus filmes proporcionam uma perspectiva autêntica e diversificada da sexualidade, oferecendo uma visão mais consciente e empoderadora da sexualidade feminina. A produção XConfessions se tornou um projeto de pornografia ética e colaborativa, criado por Lust, onde membros anônimos do público enviam suas fantasias e experiências. A cada mês, Erika e diretores convidados escolhem as melhores histórias para transformá-las em filmes pornográficos cinematográficos que retratam o sexo e a sexualidade como partes saudáveis, divertidas e alegres da vida. Iniciada em 2013, XConfessions busca estabelecer uma nova geração de filmes pornográficos criativos, artísticos e explícitos, guiados por temas inteligentes e *sex-positivos*. Este projeto se distingue por aderir a ideais de produção ética, com princípios orientadores de transparência, permissão e segurança em todos os aspectos do trabalho.

Para mim, fazer pornô feminista não é sobre o que está realmente aparecendo na tela e muito mais o que está acontecendo na produção das coisas... Aquela performer quer estar lá? O diretor/produtor está respeitando a necessidade das performers e pagando apropriadamente? Ela é surpreendida por atos que ela não quer fazer? As respostas para essas perguntas determinam se o pornô é ou não feminista, e ético para mim, não o que está acontecendo na tela (RAY *apud* LUST 2010, p. 39).

A historicidade da pornografia é crucial para entender como certas práticas e representações se tornaram hegemônicas. Maria Eduarda Ramos (2015) destaca que a pornografia convencional tem sido caracterizada por uma visão patriarcal, criando e

reforçando corpos, sexualidades e prazeres normativos, frequentemente hierarquizados por gênero, raça e outras categorias sociais. A pornografia feminista surgiu como uma tentativa de subverter e reimaginar as representações tradicionais de sexualidade e prazer. Uma das estratégias utilizadas por Lust, por exemplo, é que ela busca explorar uma ampla gama de desejos e práticas sexuais, promovendo uma visão mais inclusiva da sexualidade. Ramos (2015) mapeia diversas estratégias adotadas pelas produções feministas para resistir à pornografia hegemônica, incluindo a criação de novas estéticas visuais, a valorização de diversos tipos de corpos e a inclusão de práticas sexuais não normativas. Além disso, a pornografia feminista frequentemente utiliza a narrativa como ferramenta para desenvolver personagens complexos e relacionamentos consensuais, contrastando com a abordagem mais superficial da pornografia convencional. A análise fílmica é essencial para entender as estratégias visuais e narrativas utilizadas pelas produções pornográficas feministas. A cartografia de produções feministas e pós-pornô, como discutido por Preciado (2008), permite mapear as resistências e subversões dentro do campo da pornografia, documentando filmes, festivais e práticas artísticas que questionam e reconfiguram as representações tradicionais de gênero e sexualidade. Ramos (2015) analisa como a mudança de perspectiva das cenas mais tradicionais da pornografia patriarcal transformam a experiência da pornografia feminista, a exemplo, Candida Royalle, diretora considerada pioneira no campo, que subverte o "*male gaze*"⁶ através da mudança de enquadramento e edição, oferecendo perspectivas que valorizam a presença e o prazer das mulheres:

A sexualidade realmente vem da situação: quem são essas pessoas, por que elas estão juntas e como eles fariam amor? Para mim, o erotismo precisa mostrar a situação e também deve levar em consideração a maneira como é filmado. Não foco nas genitálias, mas também não tenho medo de mostrar se parecer bonito. Não mostro cenas de ejaculação no rosto. Prefiro mostrar o rosto das pessoas tendo prazer. Também procuro pessoas que se pareçam mais reais. Tento usar mulheres de todas as idades (ROYALLE, 2009).

Estudos sugerem que a pornografia feminista pode ter impactos positivos na saúde mental e sexual de seus espectadores. Poncela-Casasnovas e Garcia (2023) indicam que mulheres consomem pornografia feminista mais por curiosidade do que por prazer imediato, o que pode levar a uma maior compreensão e aceitação de sua própria sexualidade. Para Erika Lust, a pornografia pode ser uma ferramenta poderosa para a educação sexual e a

⁶ Termo introduzido pela teórica feminista Laura Mulvey em seu ensaio "Visual Pleasure and Narrative Cinema" (1975). Refere-se à maneira como a mídia, especialmente o cinema, representa as mulheres a partir de uma perspectiva masculina heteronormativa, objetificando-as e posicionando-as como objetos de prazer visual para o espectador masculino.

normalização do prazer feminino, desde que produzida de maneira responsável e respeitosa (Pátaro, 2014). Por outro lado, a pornografia convencional apresenta desafios significativos para a saúde das mulheres. Segundo Poncela-Casasnovas e García (2023), a maioria dos estudos não diferencia os impactos da pornografia por sexo, resultando na invisibilização das consequências específicas para as mulheres. Apenas 27% dos artigos analisados incluíram mulheres na amostra, enquanto 45% não especificaram o sexo da amostra, o que sugere uma sub-representação dos impactos únicos da pornografia na saúde feminina. Além disso, a revisão indica que apenas 12% dos artigos mencionam problemas de saúde mental em mulheres decorrentes do consumo de pornografia, destacando mal-estar psicológico e insatisfação sexual. Em contraste, há uma ênfase maior nos problemas de saúde mental relacionados aos homens, como o uso problemático de pornografia e disfunções sexuais.

A normalização da violência sexual na pornografia convencional é outro aspecto crítico. Poncela-Casasnovas e García (2023) apontam que os homens que consomem pornografia frequentemente replicam práticas vistas nos vídeos, muitas vezes forçando suas parceiras a participarem dessas práticas. As mulheres, por sua vez, são ensinadas a normalizar certos níveis de violência sexual, confundindo-os com sexo consensual, o que pode levar a problemas significativos de saúde mental e física. No estudo "*La influencia de la pornografía en la construcción subjetiva del deseo sexual: una mirada interseccional*", Muñoz, Polo e García (2023) destacam que a pornografia, sendo um dos principais referentes no aprendizado da sexualidade, pode influenciar significativamente a experiência do desejo sexual, especialmente considerando diferentes componentes identitários. As autoras identificam que a pornografia *mainstream* perpetua a visão patriarcal da sexualidade, criando e reforçando corpos e prazeres normativos, frequentemente hierarquizados por gênero, raça e outras categorias sociais. Esse contexto torna ainda mais relevante a emergência da pornografia feminista como uma alternativa que busca subverter essas normas hegemônicas e promover representações mais diversificadas e igualitárias da sexualidade (Muñoz, Polo e García, 2023).

Embora a vertente de produção feminista tenha muitos defensores, também enfrenta críticas e desafios. Prada (2010) argumenta que, independentemente das intenções, a pornografia ainda pode perpetuar certas desigualdades e estereótipos. Além disso, a comercialização da pornografia feminista pode levar à diluição de seus princípios éticos, tornando-a mais parecida com a pornografia *mainstream*. Apesar de representar um campo dinâmico e contestado, a pornografia feminista continua a evoluir em resposta às demandas por representações mais justas e inclusivas da sexualidade. Através de estratégias visuais,

narrativas e políticas, as produções feministas não apenas desafiam a pornografia hegemônica e patriarcal, mas também criam novos espaços de prazer e expressão sexual.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia adotada para este estudo consistiu em uma abordagem qualitativa utilizando grupos focais, uma técnica de pesquisa concebida para gerar uma discussão focalizada sobre um tema proposto aos participantes, estimulando a emissão de opiniões por meio da interação discursiva. Foi conduzido um estudo de caso exploratório com a participação de mulheres na faixa etária de 18 a 30 anos, que foram convidadas a conhecer o projeto XConfessions de Erika Lust. A escolha dessa faixa etária buscou incluir jovens adultas que se encontravam em diferentes estágios de exploração e compreensão da sua sexualidade, além de possivelmente terem sido expostas à pornografia tradicional, fornecendo uma base comparativa para a pesquisa.

Para o recrutamento das participantes, foi utilizado um formulário contendo perguntas quantitativas relacionadas ao tema da pesquisa. Ao final desse formulário, foi inserido um convite para participar do grupo focal, possibilitando que as interessadas se envolvessem mais profundamente no estudo. Aquelas que aceitaram participar do grupo focal receberam um convite detalhado que explicava os objetivos da pesquisa e os procedimentos envolvidos. Antes de iniciar qualquer atividade, foi solicitado que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido. Na data escolhida para a realização do grupo focal, elas foram convidadas a assistir a uma seleção de cenas do projeto XConfessions de Erika Lust. Após a exibição dos filmes, foi realizada uma conversa guiada entre as participantes, visando compreender suas reações e reflexões sobre o tema abordado.

(...) a análise de conteúdo pode ser uma excelente opção quando o objetivo for analisar os dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum. (CARDOSO, OLIVEIRA, GHELLI, 2021)

Os dados coletados por meio dos questionários foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo. Este processo de análise seguiu algumas etapas: inicialmente, as

respostas foram lidas e codificadas de maneira preliminar para identificar categorias e temas emergentes; em seguida, as categorias iniciais foram revisadas e refinadas para assegurar precisão e relevância; posteriormente, as categorias refinadas foram agrupadas em temas maiores, facilitando a interpretação dos dados; finalmente, os temas identificados foram interpretados a partir do referencial teórico e das hipóteses de pesquisa, abrindo espaço para discussões sobre as percepções das participantes.

O estudo centrou-se na experiência subjetiva das participantes e foi apoiado por uma análise de conteúdo que permitiu uma compreensão profunda das percepções das mulheres sobre a pornografia feminista e sua receptividade no público feminino. Através deste estudo, buscou-se contribuir para o debate sobre a representatividade feminina na mídia pornográfica e os impactos do projeto XConfessions de Erika Lust na percepção, liberdade e empoderamento sexual das mulheres.

3 ANÁLISE EMPÍRICA

A pesquisa foi iniciada com a aplicação de um formulário online, direcionado a mulheres, com o objetivo de coletar dados sobre percepções e hábitos relacionados ao consumo de pornografia. O formulário teve dois propósitos principais: o primeiro foi obter informações gerais e qualitativas sobre o tema, abordando aspectos amplos do consumo e das percepções das participantes acerca da pornografia. O segundo objetivo foi utilizar o formulário como um meio introdutório ao tema, oferecendo assim um espaço seguro para que as participantes fossem convidadas a integrar o grupo focal. A anonimidade das respostas foi garantida, a fim de preservar a privacidade e promover maior liberdade nas respostas.

3.1 PRIMEIRA ETAPA - COLETA VIA FORMULÁRIO

O formulário foi elaborado de maneira a captar informações demográficas, comportamentais e perceptivas das participantes. Ele foi disponibilizado em plataformas digitais e divulgado por meio de redes sociais e grupos de discussão alinhados ao público-alvo da pesquisa. A coleta foi conduzida de maneira anônima, assegurando o sigilo dos dados fornecidos pelas participantes. Além das perguntas principais, o formulário incluiu uma questão voltada às participantes interessadas em aprofundar o tema em um grupo focal. Para isso, foi solicitado o e-mail de contato, com esclarecimentos sobre a finalidade do convite e

garantia de confidencialidade. Esse formato permitiu a obtenção de informações diversificadas, contribuindo para a organização da etapa seguinte da pesquisa. As perguntas foram organizadas em cinco categorias principais:

3.1.1 Dados Demográficos

O formulário incluiu perguntas sobre idade, identidade de gênero e etnia, visando mapear o perfil das participantes. A maioria se identificou como mulheres cisgênero (98%), brancas (75%) e jovens, entre 19 e 30 anos (69%), com idades variando de 18 a 58 anos. Apenas uma participante se identificou como não-binária, e outras etnias foram representadas por 5 pardas, 1 preta e 1 amarela.

3.1.2 Hábitos De Consumo De Pornografia

A análise revelou que 43% das participantes consomem pornografia raramente, enquanto 23% assistem ocasionalmente e 20% regularmente. Um total de 14% relatou nunca consumir. Conteúdos *mainstream* foram os mais acessados (64%), seguidos por pornografia feminista (18%) e lésbica (11%).

3.1.3 Motivações para Consumir Pornografia

As principais motivações relatadas foram prazer (67%), curiosidade (40%) e fantasia (33%), com educação aparecendo em 17% das respostas. Consumidoras regulares citaram unanimemente o prazer como motivação principal, enquanto consumidoras raras apontaram curiosidade e fantasia. Aquelas que nunca consomem mencionaram razões éticas, críticas à objetificação feminina e à violência.

3.1.4 Familiaridade com a Pornografia Feminista

As perguntas avaliaram o conhecimento das participantes sobre pornografia feminista, identificando diferenças no alcance desse conteúdo entre consumidoras regulares e aquelas que nunca consomem. Entre as consumidoras regulares, 57% conhecem ou consomem pornografia feminista, enquanto 78% das que nunca consomem desconhecem o gênero. Esse contexto possibilitou explorar a percepção das participantes sobre representações alternativas.

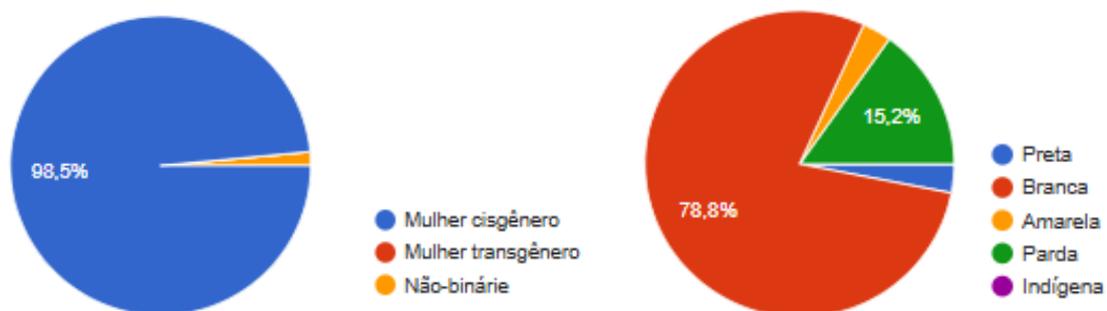
3.2 RESULTADOS DA PRIMEIRA ETAPA

A análise apresentada é baseada nas 67 respostas coletadas por meio do formulário aplicado às participantes. Os dados levantados permitiram identificar tendências e padrões relacionados ao perfil das respondentes, seus hábitos de consumo, motivações e percepções sobre a pornografia. A seguir, apresentam-se os resultados e discussões sobre cada uma dessas categorias, além do cruzamento dos dados coletados.

3.2.1 Perfil das Participantes

Entre as 67 respostas analisadas, observou-se que a maioria das participantes está na faixa etária de 19 a 30 anos, representando 69% do total. As idades variaram entre 18 e 58 anos, com a seguinte distribuição: 8 participantes tinham entre 18 e 20 anos, 16 estavam na faixa de 21 a 30 anos, enquanto apenas 6 participantes tinham mais de 30 anos. Essa predominância de participantes jovens reflete um recorte geracional que pode influenciar as percepções relacionadas à pornografia. Quanto à identidade de gênero, 66 participantes se identificaram como mulheres cisgênero, enquanto 1 participante declarou-se não-binária. Em relação à etnia, a maioria das respondentes se declarou branca, representando 75% do total. As demais etnias foram representadas por 5 participantes pardas, 1 preta e 1 amarela.

FIGURA 1 - Gráfico de dados do formulário referente a gênero e etnia.



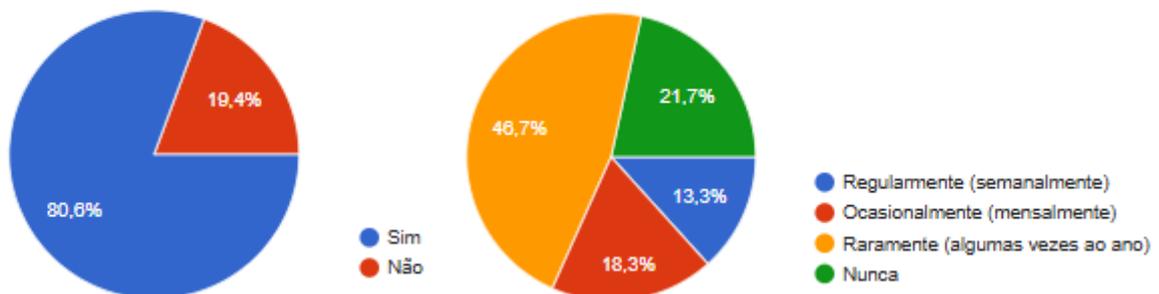
FONTE: autora.

Esses dados indicam uma predominância de mulheres jovens, brancas e cisgênero na amostra, o que fornece um panorama específico para a análise, ainda que com algumas limitações no que diz respeito à diversidade de experiências e contextos.

3.2.2 Consumo de Pornografia

A análise dos dados sobre a frequência de consumo de pornografia revelou uma diversidade de comportamentos entre as participantes. A maior parte delas relatou consumir pornografia de forma rara (43%), ou seja, algumas vezes ao ano. Esse grupo foi seguido pelas participantes que consomem ocasionalmente (23%), aproximadamente uma vez ao mês, e aquelas que consomem regularmente (20%), ou seja, semanalmente. Um total de 14% afirmou nunca consumir pornografia. Ao cruzar esses dados com a familiaridade das participantes em relação à pornografia feminista, observou-se que 57% das consumidoras regulares declararam conhecer ou consumir esse tipo de conteúdo. Em contrapartida, entre as participantes que nunca consomem pornografia, 78% desconhecem ou nunca tiveram contato com produções feministas.

FIGURA 2 - Gráfico de dados do formulário referente ao consumo e recorrência..



FONTE: autora.

Quanto aos tipos de pornografia consumidos, as respostas destacaram a predominância de conteúdos *mainstream* (64%), seguidos pela pornografia feminista (18%) e pela pornografia lésbica (11%). Outros tipos de conteúdo, como produções amadoras, foram mencionados por 2 participantes. Esses resultados refletem a maior acessibilidade da pornografia *mainstream*, ao mesmo tempo em que indicam um interesse emergente por alternativas que ofereçam novas perspectivas sobre a representação feminina.

3.2.3 Motivações para o Consumo

As motivações relatadas pelas participantes evidenciam uma multiplicidade de razões para o consumo de pornografia. O prazer foi a motivação mais citada, aparecendo em 67% das respostas, seguido por curiosidade (40%) e fantasia (33%). Menções à educação representaram uma parcela menor, com 17% das participantes apontando essa razão como relevante. Entre as participantes que consomem pornografia regularmente, o prazer foi unanimemente citado como a principal motivação. Por outro lado, no grupo que consome raramente, as razões mais comuns foram curiosidade e fantasia, enquanto aquelas que nunca consomem justificaram sua posição com críticas éticas e sociais. Essas críticas estavam frequentemente relacionadas à objetificação feminina, à violência e à forma como o conteúdo *mainstream* reforça padrões patriarcais.

Adicionalmente, algumas participantes relataram que, embora tenham iniciado o consumo por curiosidade, a exposição aos conteúdos disponíveis levou à redução ou interrupção desse hábito devido a percepções negativas sobre a representação das mulheres.

3.2.4 Percepções Sobre a Representação Feminina

As respostas qualitativas revelaram críticas consistentes à forma como as mulheres são retratadas na pornografia. Entre os temas mais recorrentes, destacaram-se:

- **Objetificação e submissão:** A maior parte das participantes descreveu que as mulheres são frequentemente apresentadas como objetos de prazer masculino, com pouca atenção ao prazer feminino.
- **Padrões corporais irreais:** Muitos relatos apontaram que os corpos retratados seguem padrões idealizados, como magreza extrema, ausência de pelos corporais e características específicas que reforçam uma estética voltada ao consumo masculino.
- **Fetichização e violência:** Críticas à violência e à humilhação presentes em produções *mainstream* foram recorrentes, com destaque para a desumanização das mulheres nas narrativas.

As participantes que conheciam a pornografia feminista reconheceram algumas diferenças positivas em relação à pornografia *mainstream*, como maior atenção ao prazer feminino e representações mais consensuais. Contudo, críticas também foram direcionadas a

esse tipo de conteúdo, incluindo a persistência de padrões estéticos idealizados e a presença de dinâmicas de submissão, mesmo que de forma menos explícita.

Entre as participantes que nunca consumiram pornografia, prevaleceram discursos que associaram a prática à exploração feminina, reforçando a percepção de que a pornografia é incompatível com valores feministas, independentemente do tipo de conteúdo.

3.2.5 Pontos-chave identificados na Primeira Etapa

Os dados coletados no formulário reforçam críticas amplamente discutidas na literatura sobre pornografia *mainstream*, especialmente no que diz respeito à objetificação das mulheres, à imposição de padrões corporais irreais e à normalização da violência simbólica. Essas críticas, recorrentes entre as participantes, ecoam as análises de autoras como Millett e Dworkin, que associam a pornografia tradicional à perpetuação de dinâmicas patriarcais (Poncela-Casasnovas e García, 2023).

Entre as participantes que consomem ou conhecem a pornografia feminista, foram reconhecidos avanços em termos de consensualidade e foco no prazer feminino, em linha com as propostas de Erika Lust. Contudo, a persistência de padrões corporais idealizados, mesmo em produções alternativas, demonstra os desafios destacados por Ramos (2015) e Prada (2010) na tentativa de romper com as influências do *mainstream*. As motivações para o consumo variaram entre prazer, curiosidade e educação, evidenciando a complexidade das relações com o gênero. Enquanto o prazer foi a principal razão entre as consumidoras regulares, a curiosidade e a fantasia foram mais comuns entre aquelas que consomem ocasionalmente. As participantes que não consomem pornografia frequentemente justificaram sua posição com críticas éticas e sociais, alinhando-se às discussões sobre os impactos negativos da pornografia tradicional na saúde mental e sexual das mulheres (Poncela-Casasnovas e García, 2023).

Esses resultados fornecem uma fundamentação importante para a realização do grupo focal, etapa seguinte da pesquisa. Espera-se que esse encontro permita explorar de forma mais subjetiva como as participantes interpretam e ressignificam as representações femininas na pornografia, contribuindo para uma compreensão mais profunda das relações entre consumo, crítica e as possíveis transformações nas representações audiovisuais.

3.3 GRUPO FOCAL

3.3.1 Planejamento

A partir dos resultados obtidos no formulário, iniciou-se a próxima etapa da pesquisa: o grupo focal. Os dados coletados destacaram temas centrais, como empoderamento, objetificação e diversidade de representações na pornografia feminista, que serviram como base para orientar a discussão coletiva. Além disso, as percepções sobre pornografia *mainstream* e feminista apontaram aspectos que necessitavam de um aprofundamento qualitativo, possibilitando uma compreensão mais rica das experiências e opiniões das participantes.

Das 67 participantes do formulário, apenas 9 manifestaram interesse inicial em participar do grupo focal. No entanto, a adesão apresentou desafios: muitas não responderam aos convites enviados por email ou indicaram indisponibilidade. Após três tentativas de contato, incluindo explicações sobre a proposta e definição de uma data específica, seis participantes confirmaram presença. O grupo focal teve como objetivo explorar de forma aprofundada as experiências e percepções das participantes em relação à pornografia feminista, com atenção a aspectos qualitativos que não puderam ser captados integralmente no formulário. Os objetivos principais incluíram: analisar as percepções de empoderamento e agência feminina nas produções pornográficas feministas, compreendendo de que forma esses elementos influenciavam o consumo e a recepção desse conteúdo; investigar como a objetificação e a sexualização feminina eram (ou não) percebidas nas narrativas e estéticas da pornografia feminista, contrastando com as experiências relacionadas à pornografia *mainstream*; explorar as implicações emocionais e sociais do consumo de pornografia feminista, destacando seu potencial como ferramenta educativa e de ressignificação da sexualidade.

A partir da definição dos objetivos, foram elaboradas perguntas para o grupo focal, estruturadas em três momentos distintos: início, desenvolvimento e reflexão final. Essas perguntas buscaram promover uma discussão inicial sobre as percepções gerais das participantes em relação à pornografia e, gradualmente, direcionar a conversa para as produções de Erika Lust e os temas centrais da pesquisa. O objetivo foi facilitar um ambiente aberto e participativo, no qual as participantes pudessem compartilhar experiências e opiniões, enquanto refletiam sobre aspectos relacionados à pornografia feminista e suas representações.

a) **Início: relação geral com a pornografia**

- Como foi o primeiro contato de vocês com a pornografia? Vocês chegaram até ela por conta própria ou conversaram com alguém sobre isso antes?
- Vocês consideram que a pornografia ainda é vista como um assunto tabu, especialmente para mulheres?
- Como vocês descreveriam a relação de vocês com a pornografia? É um tema que costuma ser discutido no cotidiano?

b) Desenvolvimento: produções de Erika Lust

- Após assistirem às cenas selecionadas e terem contato com a plataforma, houve algo que chamou a atenção de vocês? Algum aspecto que consideram mais relevante?
- Como vocês percebem a ideia de que os filmes são baseados em fantasias enviadas por mulheres reais? Isso influencia a maneira como vocês interpretam essas produções?
- De que forma os elementos narrativos e estéticos dos filmes de Erika Lust se diferenciam de outras produções que vocês conhecem?

c) Reflexão final: representação e impacto

- Vocês percebem que essas produções conseguem representar o prazer feminino de forma distinta da pornografia *mainstream*? Em que pontos isso é mais evidente?
- As representações de corpos, práticas e desejos apresentados nos filmes refletem uma diversidade mais ampla? Há algo que vocês consideram que ainda poderia ser explorado?
- Vocês identificaram elementos que poderiam ser interpretados como objetificação feminina? Se sim, de que forma eles aparecem?

3.4 RESULTADOS DA SEGUNDA ETAPA

O grupo focal realizado em 19 de novembro de 2024, às 19h30, de forma online pela plataforma Google Meet, teve como objetivo explorar qualitativamente as percepções das participantes sobre pornografia feminista e mainstream, aprofundando discussões iniciadas em um formulário prévio. A reunião contou com a participação de três mulheres jovens: duas delas, brancas e heterossexuais, tinham 22 e 26 anos, enquanto a terceira participante, uma mulher preta, identificou-se como bissexual e também tinha 26 anos. Com duração de cerca

de uma hora, a sessão foi mediada de forma estruturada, com a câmera aberta apenas pela mediadora, enquanto as participantes mantiveram câmeras e microfones desligados, ativando o áudio apenas para compartilhar suas falas. Inicialmente, o diálogo seguiu um tom mais contido, com respostas individuais e breves. Porém, à medida que a discussão avançava, a interação entre as participantes se tornou mais dinâmica, com trocas de opiniões, pontos de vista divergentes e reflexões mais aprofundadas.

A reunião foi estruturada em três etapas – introdução, desenvolvimento e reflexão final – que permitiram abordar experiências pessoais, percepções culturais e impactos sociais relacionados ao consumo de pornografia. A análise foi organizada em cinco categorias temáticas principais: primeiro contato com a pornografia, percepções sobre pornografia feminista, impacto das representações, influência nas relações interpessoais e questões culturais e estruturais. Essas categorias refletem os tópicos mais relevantes emergentes das discussões e conectam vivências individuais às dinâmicas culturais que moldam a pornografia como fenômeno social. Apesar do foco na pornografia feminista, a predominância do modelo mainstream nas experiências das participantes influenciou significativamente as discussões. Surgiram temas como culpa, estigmatização do consumo feminino e desigualdades de gênero na percepção da sexualidade. A falta de familiaridade com a pornografia feminista foi outro ponto de destaque, evidenciando desafios de visibilidade e acessibilidade.

3.4.1 Primeiro Contato com a Pornografia

A primeira categoria abordou os primeiros contatos das participantes com a pornografia e como essas experiências influenciaram suas percepções atuais. As vivências variaram desde curiosidade natural até sentimentos de culpa e desconforto, sendo moldadas por descobertas individuais e influências culturais e sociais. Uma participante relatou que seu primeiro contato foi mediado por uma plataforma digital, descrevendo a experiência como “delicada” e “artística”. O Tumblr⁷, segundo ela, oferecia uma alternativa visual menos agressiva aos sites pornográficos convencionais:

Minha primeira [experiência], cara, eu acho que foi com 19 anos. Eu tive contato pelo Tumblr... já tinha meio que fotos e tal, mas nada muito brusco, era mais artístico, talvez, mas delicado (Participante 1, 2024).

⁷ Plataforma de microblogging e rede social lançada em 2007 por David Karp. Conhecida por seu foco em compartilhamento de multimídia, comunidades de nicho e liberdade criativa, o Tumblr tornou-se um espaço popular para expressões artísticas, fandoms e discussões de temas sociais e culturais.

Em contraste, a Participante 3 mencionou que sua curiosidade foi despertada pela proibição parental de cenas em novelas: “Era uma coisa bem assim, acho que de ver novela, que não podia ver a cena específica, que minha mãe falava, ‘ah, cobre o olho’.” Esses relatos demonstram como fatores como tecnologia, ambiente familiar e contexto cultural moldam as primeiras experiências. Enquanto uma participante teve um contato mais contextualizado, a outra refletiu sobre a curiosidade natural frente a algo proibido.

O sentimento de culpa foi um tema recorrente: “Eu sempre me sentia meio... meu Deus, tipo uma sensação de culpa por estar vendo aquilo” (Participante 1, 2024). A Participante 2 ressaltou a disparidade de gênero, observando: “Se eu fosse um menino, eu ia achar super normal. Assim como eles todos acham”. Essas falas expõem como normas culturais perpetuam estigmas sobre a sexualidade feminina, enquanto normalizam o consumo masculino. Além disso, as participantes refletiram sobre o impacto dessas experiências iniciais na relação atual com a pornografia, marcada por tabus e repressão: “Parece que na infância, os meninos já sabem tudo, e a gente não sabe nada. Ninguém nunca nos ensinou. Sexo era tipo dar as mãos” (Participante 3). Esse depoimento ilustra como a educação sexual desigual contribui para lacunas no entendimento sobre prazer e desejo. Ao longo das discussões, ficou evidente que o modelo *mainstream* influencia significativamente as primeiras interações com a pornografia, moldando expectativas e narrativas sobre o consumo feminino. Apesar de algumas terem acessado plataformas com conteúdos menos agressivos, essas experiências ainda estavam associadas à sensação de transgressão e à falta de referências positivas.

Essa categoria revelou como questões culturais, sociais e estruturais mediam os primeiros contatos com a pornografia, influenciando a forma como as mulheres percebem esses conteúdos. A ausência de uma educação sexual inclusiva foi apontada como um fator que perpetua estigmas e dificulta a criação de um ambiente mais saudável e acolhedor para a exploração da sexualidade.

3.4.2 Percepção de Pornografia Feminista

A percepção sobre a pornografia feminista foi explorada com base na apresentação da plataforma XConfessions, destacando seus diferenciais e as barreiras culturais e estruturais que dificultam sua adoção em maior escala. A estética e as narrativas foram apontadas como elementos marcantes, mas também houve reflexões críticas sobre limitações e desafios do

modelo. O ambiente visual de XConfessions foi percebido por muitas participantes como mais acolhedor e respeitoso em comparação aos sites *mainstream*, descritos como invasivos:

Cara, se você entrar no Pornhub ou no XVideos, você se sente suja, você se sente imunda com as coisas que tem. Esse site [XConfessions] parece que eles têm um carinho, sabe? Não me senti suja (Participante 1, 2024).

Essa observação ilustra como o design e a curadoria de conteúdo podem impactar a forma como o espectador interage emocionalmente com a pornografia. No entanto, a valorização desse aspecto não foi unânime. A Participante 2 refletiu sobre a presença contínua de uma lógica de consumo, mesmo dentro de um modelo que busca ser mais ético: “Eles estão vendendo. Talvez menos agressivo, mas ainda é uma coisa para você consumir”. As narrativas também foram amplamente debatidas. As participantes elogiaram a construção de histórias e a atenção a detalhes emocionais que criam uma conexão mais profunda com o espectador:

Eu acredito muito que as mulheres são mais imaginativas. Tem coisas que, no vídeo, não mostram. No livro ou no que a Erika [Lust] traz, tem esses detalhes que a mulher preza e ninguém dá bola. (Participante 1, 2024).

Essa visão foi complementada pela Participante 3, que comentou: “Com a história, parece que dá... uma antecipação, tem um clima, sabe?” Apesar disso, foi reconhecido que a força do imaginário *mainstream* dificulta a aceitação de modelos alternativos. A Participante 2 refletiu sobre esse desafio: “Não seria uma transição fácil, porque seria algo diferente, mas acho que assistiria sim”. Outro ponto relevante foi a questão da acessibilidade. A maioria das participantes admitiu que nunca havia tido contato com a pornografia feminista antes do grupo focal, o que evidenciou a baixa visibilidade desse modelo. A Participante 3 afirmou: “Eu nunca tinha ouvido falar disso antes. Achei interessante, mas parece algo meio distante.” Essa percepção de exclusividade reforça o distanciamento entre o modelo feminista e o público em geral, limitando seu impacto em larga escala. Além disso, foi levantada a questão dos custos associados a plataformas como XConfessions, que podem ser uma barreira adicional para consumidores habituados ao acesso gratuito de conteúdos *mainstream*.

As participantes também refletiram sobre a representatividade nas produções de Erika Lust. Embora tenham reconhecido avanços em relação ao *mainstream*, algumas questionaram se a inclusão de corpos diversos realmente desafia os padrões estéticos dominantes ou apenas

os adapta: “Mostram corpos diferentes, mas ainda assim estão dentro do que as pessoas esperam ver” (Participante 2, 2024). Essa tensão entre inclusão e conformidade foi vista como um reflexo das dificuldades de equilibrar uma proposta disruptiva com as demandas de mercado.

De maneira geral, a análise revelou que a pornografia feminista é percebida como uma alternativa promissora, mas ainda enfrenta desafios estruturais e culturais. A estética cuidadosa e as narrativas envolventes foram valorizadas, mas o modelo permanece restrito a nichos e suscetível às pressões do mercado. Embora proponha transformações importantes, sua consolidação como alternativa ao *mainstream* depende de uma maior visibilidade, acessibilidade e da desconstrução de padrões que ainda permeiam a indústria.

3.4.3 Impacto das Representações

As representações nas produções de pornografia feminista, especialmente em contraste com o *mainstream*, estimularam reflexões sobre diversidade corporal, padrões estéticos e a objetificação de corpos. Embora as participantes tenham identificado avanços nas propostas feministas, também discutiram tensões relacionadas às lógicas mercadológicas e culturais que ainda prevalecem. A inclusão de corpos diversos foi apontada como um diferencial relevante nas produções feministas, contribuindo para a desconstrução de padrões ao retratar corpos de forma mais humana e respeitosa: “Ver um corpo parecido com o meu, sendo humano, sabe? Não sendo uma carne... acho que ia dar uma paz no coração” (Participante 1, 2024). Por outro lado, a força dos padrões dominantes foi percebida como um obstáculo. A Participante 2 comentou sobre como o consumo *mainstream* condiciona percepções: “Minha cabeça está tão condicionada a um estilo específico que... eu acho que sentiria estranheza”. Nesse contexto, a transição para narrativas mais inclusivas foi vista como um processo gradual. Ainda assim, as discussões apontaram que a diversidade corporal no *mainstream* é frequentemente apresentada como fetichização, não representatividade: “Tem muito espaço pra muita gente, de muitos corpos diferentes, sabe? Eu sinto que homem, por exemplo, eu sei que é totalmente objetificante, mas tipo, tem cara que tem tara em mulher gordinha” (Participante 2, 2024). Esse tipo de segmentação confina corpos socialmente marginalizados a nichos específicos, reforçando lógicas de exotificação ao invés de incluí-los em narrativas gerais.

As produções feministas, por outro lado, apresentam uma categorização focada em experiências sexuais e contextos narrativos, em vez de características físicas. Na plataforma XConfessions, por exemplo, as categorias incluem “documentário”, “*outdoor*” ou “casal”

priorizando o conteúdo e as experiências sexuais ao invés dos corpos das pessoas envolvidas. Essa abordagem busca evitar a redução de indivíduos a objetos de consumo baseados em atributos físicos, promovendo uma visão mais inclusiva.

Outra questão abordada diz respeito à representação de mulheres negras. A Participante 1 comentou sobre o contraste entre as produções feministas e o *mainstream*: “Principalmente com mulher negra, cara. Eles animalizam as fotos. Mas o cuidado [em XConfessions], as *thumbs...* parece arte, parece um pornô *gourmet*.” (Participante 1, 2024). Embora o esforço de desconstruir a desumanização histórica de corpos negros seja evidente, a inclusão autêntica ainda depende de uma maior integração desses corpos em narrativas mais diversas, que vão além de contextos específicos.

As representações discutidas revelaram avanços significativos nas produções feministas, como a integração de corpos diversos e narrativas respeitadas, oferecendo uma alternativa ao *mainstream*. A categorização focada em experiências, em vez de características físicas, reforça uma abordagem que evita a segmentação objetificante. No entanto, esses modelos ainda enfrentam barreiras culturais e uma lógica de mercado que restringem mudanças mais profundas e amplas.

3.4.4 Pornografia e Relações Interpessoais

As discussões destacaram como a pornografia *mainstream* influencia as relações interpessoais em contextos heterossexuais, moldando tanto expectativas quanto comportamentos. A Participante 2 observou que o consumo desse tipo de conteúdo pode gerar dependências que afetam a espontaneidade sexual: “Aqueles caras que precisam assistir pornô enquanto estão transando porque senão não conseguem ficar com ereção”. Ela também apontou como essas narrativas criam concepções distorcidas sobre o sexo: “Além desse vício e tudo mais, eles também criam essa expectativa muito errada de como que é o sexo, né?”.

Essas representações, muitas vezes baseadas em práticas performáticas e estereotipadas, naturalizam dinâmicas de poder desiguais e idealizam experiências distantes da realidade. Isso influencia a forma como as pessoas compreendem seus próprios desejos e os do outro, reforçando práticas desconectadas de vivências sexuais mais autênticas. Em relacionamentos heterossexuais, essa influência é ainda mais marcante, associando o consumo pornográfico a uma masculinidade centrada no desempenho, em vez da conexão emocional. A pornografia feminista foi apresentada como alternativa com narrativas mais realistas, baseadas no respeito e em dinâmicas igualitárias. As participantes destacaram como essas

representações contrastam com o *mainstream* ao priorizar a intimidade sobre performances. Contudo, a limitação na difusão desse modelo ainda reduz seu impacto, especialmente em culturas moldadas pelas lógicas da pornografia convencional.

As reflexões mostraram que os modelos *mainstream* influenciam tanto práticas sexuais quanto percepções de poder nos relacionamentos. Embora as alternativas feministas ofereçam novas perspectivas, a força das narrativas convencionais ainda dificulta mudanças mais amplas.

3.4.5 Questões Culturais e Estruturais

As normas culturais e estruturas sociais foram apontadas como fatores que moldam a relação das mulheres com a pornografia, especialmente em relação à culpa e aos estigmas associados ao consumo. A Participante 1 destacou como a educação sexual desigual reforça esses sentimentos: “Se eu tivesse a mesma educação que um moleque de 10 anos tem... eu não sentiria a culpa, sabe? E nem a sujeira.” Essa fala reflete como a diferença de abordagem entre gêneros perpetua a repressão feminina desde a infância. A Participante 2 complementou, apontando que a vergonha associada ao consumo de pornografia é mais intensa para mulheres: “É mais fácil falar que você se masturba do que dizer que você assiste pornô”. Esse estigma cultural restringe a abertura sobre sexualidade feminina e reforça um ciclo de silenciamento. As participantes também discutiram como as narrativas do *mainstream* consolidam estereótipos e expectativas que impactam a percepção social da sexualidade. Normas culturais que associam o consumo de pornografia a comportamentos masculinos criam divisões que dificultam a aceitação de narrativas alternativas, como as propostas pela pornografia feminista.

Embora tenham reconhecido que a pornografia feminista oferece representações mais equilibradas, as participantes identificaram barreiras culturais e estruturais que limitam sua expansão. Essas barreiras incluem a percepção de que pornografia é um tema vinculado a práticas masculinas e a resistência em desconstruir padrões historicamente consolidados. As falas mostram como normas sociais reforçam culpa, tabus e desigualdades de gênero, dificultando tanto o consumo quanto a aceitação de novas narrativas.

3.4.6 Pontos-chave identificados na Segunda Etapa

As discussões do grupo focal evidenciaram a complexidade da relação das mulheres com a pornografia, influenciada por dinâmicas culturais, estruturais e interpessoais que moldam tanto o consumo quanto a percepção desse conteúdo. A pornografia feminista foi recebida como uma alternativa mais respeitosa e cuidadosa, destacando-se pelo ambiente acolhedor, narrativas envolventes e desconstrução de dinâmicas tradicionais. Contudo, seu impacto permanece limitado por barreiras culturais, como a repressão da sexualidade feminina e a ausência de uma educação sexual inclusiva. Apesar de apresentar avanços significativos na inclusão de perspectivas femininas, a pornografia feminista enfrenta desafios de visibilidade, acesso restrito e custos que dificultam sua disseminação em larga escala. Em contraste, o *mainstream*, amplamente acessível e gratuito, reforça estigmas e desigualdades, mantendo o consumo feminino atrelado a narrativas que perpetuam tabus e estereótipos. A lógica de mercado e normas culturais, que ainda deslegitimam o desejo feminino, restringem o alcance do modelo feminista, confinando-o a nichos específicos.

De maneira geral, o grupo focal indicou que, embora a pornografia feminista tenha potencial para transformar a experiência sexual das mulheres, mudanças mais profundas exigem não apenas maior visibilidade, mas também uma transformação cultural que legitime a exploração do desejo feminino e promova um acesso mais inclusivo e representativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados por meio do formulário e as discussões realizadas no grupo focal revelaram percepções complementares sobre a pornografia *mainstream* e feminista, destacando tensões entre objetificação e empoderamento. As críticas à pornografia *mainstream*, amplamente apontadas pelas participantes, evidenciaram uma insatisfação recorrente com a normalização de padrões corporais irreais, dinâmicas de submissão e a fetichização de corpos femininos. Essa percepção foi aprofundada no grupo focal, onde os relatos trouxeram reflexões mais amplas sobre os impactos emocionais e sociais dessas representações, frequentemente associadas à desumanização e à perpetuação de estereótipos de gênero.

Em contraste, a pornografia feminista foi descrita como uma alternativa com propostas mais inclusivas e narrativas que priorizam o prazer feminino. Contudo, tanto os formulários quanto o grupo focal destacaram desafios para a ampliação desse modelo. Entre as

participantes que consomem pornografia regularmente, 57% afirmaram conhecer ou consumir pornografia feminista, indicando um interesse crescente por representações alternativas. No entanto, essa proporção contrasta com as percepções discutidas no grupo focal, onde o alcance limitado e as barreiras econômicas foram apontados como obstáculos para um consumo mais amplo desse modelo. Essas percepções refletem, em grande parte, a perspectiva de mulheres jovens, faixa etária predominante tanto entre as respondentes do formulário quanto entre as participantes do grupo focal. Esse recorte geracional influencia as críticas e reflexões trazidas, ao mesmo tempo em que revela uma relação mais recente e crítica com os modelos hegemônicos de pornografia.

Durante o grupo focal, emergiram reflexões específicas sobre a diversidade de corpos representados na pornografia feminista, especialmente em relação à presença de corpos negros e gordos. Com base nesses relatos, foi realizada uma análise da página inicial da plataforma XConfessions, observando-se a predominância de corpos alinhados aos padrões hegemônicos de magreza e, em menor medida, a representação de corpos negros. Em toda a página inicial, a presença de corpos gordos foi identificada em apenas um vídeo, enquanto corpos negros apareceram de forma mais recorrente. Esse dado revela que, mesmo em iniciativas que buscam maior representatividade, a diversidade corporal ainda apresenta lacunas significativas.

Outro aspecto relevante para a análise foi a composição do grupo de participantes. Apesar da presença de mulheres negras no grupo focal, a maioria dos relatos foi de mulheres brancas cisgênero. Adicionalmente, predominavam mulheres heterossexuais ou em relacionamentos heteronormativos no grupo focal, o que influencia as perspectivas levantadas, já que experiências de gênero e sexualidade não heteronormativas ficaram menos representadas. Essa configuração de participantes direcionou a pesquisa para um recorte específico, limitando a diversidade de vozes e experiências acessadas.

Essas dinâmicas sugerem que a pornografia feminista transita entre o empoderamento e a objetificação ao buscar oferecer representações mais respeitadas e diversificadas, mas reflete também os limites impostos por dinâmicas de consumo e expectativas culturais. Os resultados indicam nuances nas motivações para o consumo de pornografia. Enquanto o prazer e a curiosidade surgiram como fatores predominantes no formulário, o grupo focal trouxe reflexões sobre como o contato com a pornografia feminista pode modificar essas motivações. Participantes que acessaram o projeto XConfessions descreveram experiências mais acolhedoras e menos estigmatizadas, destacando o papel das narrativas consensuais e dos ambientes visuais cuidadosos na percepção do conteúdo.

Essas percepções dialogam diretamente com as teorias desenvolvidas que enfatizam como as representações na pornografia *mainstream* perpetuam estereótipos de gênero e dinâmicas opressoras (Poncela-Casasnovas e García, 2023). A normalização de padrões corporais irreais e a desumanização das mulheres, identificadas no *mainstream*, também encontram eco nas reflexões de Ramos (2015) sobre a hierarquização de corpos e prazeres na pornografia tradicional. Por outro lado, as narrativas emergentes da pornografia feminista encontram paralelos nas propostas teóricas de Erika Lust e Candida Royalle. As participantes reconheceram avanços em termos de representatividade e consensualidade nessas produções, aspectos que, segundo Ramos (2015) e Preciado (2008), desafiam representações tradicionais da sexualidade. No entanto, tensões como a persistência de padrões estéticos e a influência da lógica de mercado, mencionadas pelas participantes, estão alinhadas às críticas de Prada (2010) sobre os limites que o modelo feminista enfrenta ao equilibrar seus ideais com as pressões comerciais.

Com base nos resultados, conclui-se que a pornografia feminista opera como um espaço de experimentação e disputa simbólica. A pesquisa evidenciou como essas produções questionam as narrativas tradicionais da pornografia, ao mesmo tempo em que refletem os limites impostos por dinâmicas de consumo e expectativas culturais. Ao cruzar percepções empíricas e debates teóricos, fica evidente que a relevância do modelo reside na capacidade de provocar diálogos e desafiar estruturas normativas de gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

ARTAZO, G.; BARD WIGDOR, G. Pornografia mainstream y su relación con la configuración de la masculinidad hegemónica. *Atlánticas Revista Internacional de Estudios Feministas*, v. 4, n. 1, p. 325–357, 2020.

BATISTA, A. Olhares do desejo e olhares femininos: o cinema pornográfico feminista de Candida Royalle, suas subversões e limitações representacionais. p. 40 - 72. 2018.

CANTABRANA, M.; PONCELA-CASASNOVAS, J. Los efectos de la ornofografía en la salud de las mujeres: una revisión de la literatura científica . *Journal of Feminist, Gender and Women Studies*, [S. l.], n. 15, p. 74–93, 2023. DOI: 10.15366/jfgws2023.15.004. Disponível em: <https://revistas.uam.es/revIUEM/article/view/17961> .

CARDOSO, M. R. G.; DE OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de Conteúdo: Uma Metodologia de Pesquisa Qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; SILVA JÚNIOR, Arnaldo Ferreira. CONSUMO DE PORNOGRAFIA E SATISFAÇÃO SEXUAL EM UMA AMOSTRA DE ADULTOS BRASILEIROS. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [S. l.], v. 34, p. 1074, 2023. DOI: 10.35919/rbsh.v34.1074. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1074.

CHOUCAIR, T. MAIA, R. OLIVEIRA, B. S. DEMANDAS DE GRUPOS EXTREMISTAS: uma proposta metodológica para análise de conteúdo assistida de reivindicações radicais e antidemocráticas em plataformas digitais. 33º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & sociedade*, v. 25, n. 3, p. 592–601, 2013.

DUARTE, L. C. Pornotopia : história, desafios e reimaginações das pornografias feministas. p. 25-48. 2014.

HOSHINO, C. DE A. P. Disputa argumentativa ou politização das narrativas? : conversações de mulheres sobre o aborto no Brasil. *Acervo Digital UFPR*. 2021. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/72823>> .

MAGOSSI, P. Submundo E Violência: Do Simulacro Publicitário À Reprogramação Do Imaginário Social. *Brazilian Creative Industries Journal*, v. 3, n. 2, p. 149–173, 2023b.

MAGOSSI, P. Submundo, violência e publicidade. *Vozes e Diálogo*, v. 21, n. 2, p. 41–57, 2023.

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO. Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na Xvideos. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura*, São

Cristovão, v. 24, n. 3, p. 117–136, 2023. DOI: 10.54786/revista_eptic.v24i3.17829. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/17829> .

MONTEIRO, Laís Landes; VIANNA, Alexandra Gouvêa. PORNOGRAFIA, SUBJETIVIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO. *POLEMICA*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 026–041, 2021. DOI: 10.12957/polemica.2020.63484. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/63484> .

MULHERES POR CIMA. Direção: Jill Bauer, Ronna Gradus. Episódio de: HOT GIRLS WANTED. Produção: Netflix, 2015. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80038158>>. Acesso em: fev. 2024.

MUÑOZ SÁNCHEZ, S.; POLO USAOLA, C.; GARCÍA DAUDER, D. La influencia de la pornografía en la construcción subjetiva del deseo sexual: una mirada interseccional. *Journal of Feminist, Gender and Women Studies*, [S. l.], n. 15, p. 116–138, 2023. DOI: 10.15366/jfgws2023.15.006. Disponível em: <https://revistas.uam.es/revIUEM/article/view/17841> .

PÁTARO, C. Tchau Tchau Velho Pornozão?: A Pornografia Feminista De Erika Lust Como Narrativa Reflexiva Da Sexualidade. 2014.

PORNHUB: Sexo Bilionário. Direção: Suzanne Hillinger, Sarah Gibson. Produção: Netflix, 2023. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81097276>>. Acesso em: 29 Jun. 2024.

PRADA PRADA, Nancy. ¿Qué decimos las feministas sobre la pornografía? Los orígenes de un debate. *La manzana de la discordia*, Enero - Vol. 5, No. 1: 7-26. Junho, 2010.

RAMOS, M. Pornografia, Resistências E Feminismos: Estratégias Políticas Feministas De Produções Audiovisuais Pornográficas. 2015.

SEVEGNANI, M. Assim Se Inventa Um Pornô: As Mulheres E O Discurso Pornográfico Em Cena. 2018.

XCONFESSIONS. Disponível em: <<https://xconfessions.com/>>. Acesso em: 30 jun. 2024.